

ELA PODE PENSAR E ELE PODE SENTIR

Maria Aparecida Pascale

Resumo

A abordagem deste texto sobre a sexualidade tem o olhar teológico e educativo. Na condição de teóloga penso em homens e mulheres como seres que refletem sobre suas vidas, tendo como base de pensamento o fato de que Deus os criou à sua imagem e semelhança. Acredito, como diz Foucault, que a sexualidade é um instrumento saudável na relação homem-mulher com os seus desejos “estabelecendo de si para consigo certa relação que lhe permite descobrir a verdade de seu ser”. No entanto, a sexualidade aparece, muitas vezes, ligada às relações de poder. Embora esta não seja a relação mais densa, é a que aparece como a mais dotada de massa de manobra, “utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias”.

Palavras-chave: *Sexualidade. Afetividade. Educação. Amor.*

Abstract

A methodological approach to the study of sexuality takes into account both the theological and educational perspective. Based on my theological background of studies on the behavior of men and women who are concerned with the meaning and value of their lives I feel compelled to bring out into the open the truth that God created the human being in the image and likeness of Himself. Following the author Foucault I endorse his believe that sexuality is a suitable means of expression of human desires among men and women thus enabling them to enter a deeper relationship and making them aware of the truth of their innermost being. Nonetheless it should be forgotten that sexuality is quite often involved in a power struggle. Although this kind of human relationship is not the deepest among others alike, it shows as forth a great amount of resources for maneuvering and providing support for a number of diverse strategies.

Keywords: *Sexuality. Affectivity. Education. Love.*

As origens: Aspectos bíblico-teológicos

O texto que narra a criação e a queda vai de Gn 2,4b–3,24. O gênero literário é o de narrativa do mito das origens. Em determinadas partes contém também diálogo (2,23; 3,1-5.9-13). Os versículos 14-19 falam das maldições (punições). O contexto literário é formado de várias camadas. Ele parece ter sido escrito em um período em que o povo já tinha uma vida sedentária. Observamos o período da monarquia, pois havia leis já definidas (não poder comer do fruto, sob pena de punição). Havia dominação: o trabalho do homem no cultivo do solo, o guardar a terra. Os querubins se parecem com um exército. O texto pertence a uma sociedade patriarcal, quando fala do pecado, que teve na mulher sua principal executora. Como é um complexo literário formado de várias camadas, a versão final é tardia, mas contém fragmentos de várias épocas, porém, de uma sociedade camponesa que precisava pagar um grande tributo.

O texto nos aponta para um Deus que é opressor e não libertador e, assim sendo, encontramos um contexto de ideologias que reforça o poder de Javé. A redação final se dá no exílio da Babilônia, onde se faz uma releitura da monarquia. É uma releitura de povo oprimido e de mulheres que perderam o seu papel social no meio do povo. Mulheres que causavam medo ao opressor e precisavam ser caladas. Deviam ter uma autêntica expressão de poder. Um Deus que não liberta não é o Deus de Israel, e sim, do opressor. O Deus de Israel é o “Libertador”, o “Salvador”. É o que tirou o povo da terra da escravidão; é o Deus do Êxodo.

O conceito de pecado relacionado com a palavra de Deus é uma forma autoritária de quem quer dominar culpabilizando. Os homens e as mulheres estão profundamente marcados por essa culpa que vem desde as origens. Faz-se necessária uma nova forma de interpretar o mal e o bem na sociedade hodierna. Muitas pessoas até se afastam das religiões porque não compreendem esses conceitos e sentem-se até excluídas das comunidades.

Quanto às mulheres, essa marca do pecado original se transformou em culpa: elas foram culpabilizadas. Isso tem consequências graves. Esse processo histórico em que se operou a discriminação da mulher vem desde o período da monarquia em Israel, agravando-se no século IV com Agostinho de Hipona, estendendo-se pela Idade Média com a Inquisição, vem “rolando” até nossos dias. A humanidade perdeu muito, pois excluindo-se a mulher, excluiu-se o humano, que se traduz em ternura, amor, carinho e preservação da vida e prazer. Assim, a “vida”, passou a ser desumana, voltada para outros valores (deuses e idolatrias, poder, dinheiro) que não fazem parte dos anseios mais profundos do “ser” homem e mulher.

O empenho de muitos teólogos e teólogas que trabalham a questão de gênero tem contribuído para que possamos hoje caminhar em parceria, homens e mulheres das mais diversas raças e culturas. Creio que esta transformação está incluída nos projetos de Deus e nos nossos projetos de vida que incluem o projeto sexual que humaniza o ser humano. Há um certo tempo, o relacionamento

homem-mulher era, basicamente, um jogo: o poder de ele mandar *versus* o poder de ela se submeter. Sem acesso ao trabalho e à cultura, no mundo patriarcal a mulher desenvolveu a arte de se autoafirmar pela via da astúcia: dominava pelo alimento, sendo boa cozinheira; ela o alimentava para que comesse na sua mão.

Abriu-se, nas últimas décadas, um campo inusitado para as mulheres e os homens: ela pode pensar e ele pode sentir. No entanto, o homem não foi preparado para sentir, é vítima de uma cultura. Hoje ele está enfrentando a turbulência do novo: nova mulher, nova filha, novo relacionamento sexual. As suas inseguranças e a sua ignorância ficam expostas. São mudanças bruscas para um curto período; afinal, mais de 90% de todas as grandes invenções da humanidade foram feitas nos últimos cem anos: o movimento feminista dos anos 60 do século XX deve ser considerado como possibilidade de libertação masculina, pois o mundo patriarcal fez o homem escravo de sua imagem, forjada ao longo das culturas

1. A emancipação feminina

Segundo a maioria dos antropólogos, o ser humano habita este planeta há mais de dois milhões de anos, evoluindo de uma cultura de coleta dos frutos da terra e caça de pequenos animais, até o que assistimos hoje. Num primeiro período, não havia necessidade de uso da força física; nele, as mulheres ocupavam um lugar central. Ainda hoje encontramos alguns núcleos sociais que vivem dessa maneira, tais como os mahoris na Indonésia e os pigmeus na África Central. Nesses grupos prevalece a ideia de que a mulher, por gerar vida, ajuda na fertilidade da terra e dos animais. Por isso, a maternidade é considerada sagrada. Nesses grupos, o masculino e o feminino governam juntos. Existe divisão de tarefas entre os sexos, mas não há desigualdades. Entre eles, a vida tem uma feição harmoniosa e paradisíaca.

Nas sociedades de caça aos grandes animais, que sucederam a essas mais primitivas, a força física era essencial; inicia-se, assim, a supremacia masculina. Também nessas sociedades a mulher era considerada um ser sagrado porque possuía a condição de reproduzir. Os homens desconheciam a função masculina na reprodução da espécie e se sentiam marginalizados nesse processo, sentindo inveja das mulheres. Temos aqui a origem da “inveja do útero”¹. A mulher possuía o “poder biológico” e o homem foi desenvolvendo “o poder cultural”, à medida que a “tecnologia” foi se desenvolvendo.

Enquanto as sociedades eram de coleta, as mulheres mantinham uma espécie de poder, porém, diferentes das culturas patriarcais. As culturas primitivas tinham que ser cooperativas, para sobreviver em condições hostis. Não havia coerção ou centralização, mas rodízio de lideranças. As relações entre homens e

1. Devido ao desconhecimento da função masculina na procriação, a mulher era considerada um ser sagrado, que possuía o privilégio dado pelos deuses de reproduzir a espécie. Os homens se sentiam marginalizados nesse processo e, por isso, invejavam as mulheres.

mulheres eram mais fluidas do que viriam a ser mais tarde. As formas de associação entre homens e mulheres não incluíam nem a herança, nem a transmissão de poder. Quase não existiam guerras, pois não havia a necessidade de conquistas de novos territórios.

No período neolítico, o homem começa a dominar sua função biológica reprodutora, e, podendo controlá-la, pode também controlar a sexualidade feminina. Surge então o casamento onde a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina.

Por volta de 10.000 ou 8.000 aC, o homem aprende a fundir metais. À medida que a tecnologia é dominada, o homem começa a fabricar armas mais sofisticadas e instrumentos que ajudam a cultivar melhor a terra, como o arado. Para poder cultivar a terra, os povos tiveram de se tornar sedentários. Começam a ser estabelecidos os primeiros agrupamentos sociais organizados (aldeias, cidades, cidades-estados, os primeiros Estados e Impérios). As sociedades se tornam patriarcais, isto é, os portadores dos valores e da sua transmissão são os homens. A lei do mais forte começa a governar o mundo.

Nesse contexto, quanto mais filhos, mais soldados e mais mão de obra barata, melhor. As mulheres tinham sua sexualidade rigidamente controlada pelos homens. Valores como virgindade e fidelidade são acentuados. O casamento era monogâmico. Qualquer violação das normas podia significar a morte. O motivo era a propriedade, que se transmitia através da linhagem feminina, e esta não podia ser impura. Assim, a função da mulher ficou limitada ao privado e perdeu qualquer capacidade de decisão no domínio público. Sua função agora é ter filhos e educá-los. A dicotomia entre o privado e o público torna-se, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gerou, no decorrer dos séculos, uma submissão psicológica da mulher que dura até hoje e que se traduz em masoquismo, narcisismo ferido, frigidez e carência sexual.

2. Herdeiros(as) de uma determinada cultura

A religião judaico-cristã se edifica sobre as estruturas patriarcais hierárquicas, autoritárias, com dominação masculina. Ela teve uma forte influência da filosofia grega no que se refere ao sexismo. O desprezo da mulher, considerada inferior e incapaz, passou para o cristianismo desde os seus primórdios. A ideia de inferioridade da mulher e da superioridade do homem foi legitimada pela religião cristã e passou para a cultura ocidental marginalizando as mulheres, destinando-lhes o âmbito do doméstico e impedindo que ocupassem espaços de decisão e autoridade na sociedade.

A espécie humana teve em sua história uma sucessão de mitos. Joseph Campbell, um mitólogo americano, divide em quatro grupos todos os mitos conhecidos da criação: “Na primeira etapa, o mundo é criado por uma deusa mãe, sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um

casal criador. Na terceira, um deus macho, ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente na quarta etapa um deus macho cria o mundo sozinho”².

Estas quatro etapas, que se sucedem cronologicamente, também testemunham a transição da etapa matricêntrica da humanidade para sua fase patriarcal. Alguns exemplos ilustram as diversas etapas. Na primeira etapa a Grande Mãe cria o mundo, sozinha (mito grego). Na segunda etapa, um deus andrógino que gera todos os deuses, no hinduísmo é o yin e o yang, o feminino e o masculino governam juntos (mitologia chinesa); na terceira etapa, temos as mitologias nas quais reinam em primeiro lugar deusas mulheres, que são depois destronadas por deuses masculinos.

Nas sociedades primitivas, a Grande Mãe é permissiva, amorosa e não coercitiva. Ao contrário dessas culturas primitivas, Javé é Deus único, centralizador, dita regras rígidas e padrões de comportamentos e pune sempre suas transgressões. Javé representa bem a transformação do matricentrismo ao patriarcado.

O jardim das delícias (prazer e desejo) é a lembrança da antiga harmonia entre o ser humano e a natureza. Nas sociedades de coleta, o trabalho não era sistemático; por isso, os controles eram frouxos e a vida mais prazerosa. É interessante notar que o ser humano só consegue conhecimento do bem e do mal transgredindo a lei do Pai. O sexo (o prazer) doravante é mau e, portanto, proibido. Praticar sexo é transgredir a lei, ele é limitado somente à procriação, e, mesmo assim, transforma-se em culpa. Isso gera a diferença entre: sexo e afeto; corpo e alma e é fonte das divisões e fragmentações do homem, da mulher, da razão, da emoção, das classes sociais, das raças, etc. Para o homem, poder, competitividade, conhecimento, controle, manipulação, abstração e violência vêm juntos. Para a mulher, o amor, a integração com o meio ambiente e com as próprias emoções; no entanto, esses são elementos desestabilizadores para a ordem vigente. “Cuidado com elas!” É necessário impedi-las de qualquer interferência nos processos decisórios. Deve-se fazer o que for possível para que elas introjetem a certeza de inferioridade em relação aos homens.

Na Grécia, o *status* da mulher é degradado. Homossexualidade era uma prática comum. As mulheres serviam somente para procriar ou eram prostitutas e cortesãs. Em Roma, embora a mulher tivesse por algum tempo liberdade sexual, jamais teve poder de decisão no Império. No século IV, quando o cristianismo torna-se religião oficial dos romanos, a mulher é usada conforme as necessidades dos homens. O Cristianismo se espalha entre as tribos bárbaras da Europa. Os homens se ausentam muito por causa das guerras. As mulheres são jogadas no domínio público quando havia escassez de homens, e voltavam para o domínio privado quando os homens reassumiam o seu lugar na cultura.

2. CAMPBELL, Joseph. *The Masks of God*, vol. 3: *Occidental Mythology*. New York: Viring Press, 1970.

Na Alta Idade Média, a condição da mulher floresce. Elas têm acesso às artes, às ciências, à literatura. Isso acontece durante as cruzadas, período em que não só a Igreja alcança seu maior poder temporal, como também o mundo se prepara para as grandes transformações que viriam séculos mais tarde, com a Renascença. No período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII acontece um fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de “caça às bruxas”. O demônio as dominava (porque eram fracas) e as transformava em bruxas. O porquê dessa perseguição é explicado por alguns autores como a capacidade da mulher de curar, de fazer remédios naturais. As dificuldades que se apresentavam, devido à pobreza das mulheres camponesas, fizeram com que elas se aprimorassem nessa atividade. Elas eram também uma ameaça ao poder dos médicos que vinham se sobressaindo na época. O poder, nesse período, precisava ser centralizado, pois estava se esfacelando pela frouxidão do sistema feudal. O corpo e a sexualidade deviam ser reprimidos. O prazer traz alegria, e, por isso, devia ser dominado.

Hoje os historiadores e principalmente as historiadoras se aplicam em resgatar a memória das bruxas. Sua destruição foi um dos maiores genocídios da história da humanidade. Embora tenha se iniciado na Idade Média, a caça às bruxas teve o seu apogeu durante a Renascença (até o século XVIII). Esta preparou o advento do capitalismo. A perseguição se dirigiu exclusivamente às mulheres pobres, normatizando a sua sexualidade e reprimindo o seu saber. Em fins do século XVIII, estas mulheres já tinham seus corpos reprimidos, incapazes de orgasmo, podendo assim transmitir aos seus filhos e filhas as regras de submissão, que viriam a torná-los operários e operárias, de corpos dóceis.

Alem da caça às bruxas, no século XVIII e seguintes, fabricou-se também uma nova imagem para as mulheres de classes superiores. Essa nova ideologia que formou a nova mulher da era industrial começou com a fabricação de várias características da nova feminilidade: o culto da domesticidade, a fabricação da infância, a criação do amor materno, o pedestal feminino e, finalmente a inauguração do amor romântico.

Agora, mais de dois séculos após o término da caça às bruxas, é que podemos ter uma noção das suas dimensões. No início deste século e deste milênio, o que se nos apresenta como avaliação da sociedade industrial? Dois terços da humanidade passam fome; o terço restante superalimenta-se; além disso, há a possibilidade concreta da destruição instantânea do planeta pelo arsenal nuclear já colocado e, principalmente, a destruição lenta, mas contínua, do meio ambiente, já chegando ao ponto sem retorno. A aceleração tecnológica mostra-se muito mais louca do que o mais louco dos inquisidores.

Ainda neste início de século, outro fenômeno está acontecendo. Na mesma jovem rompem-se dois tabus que causaram a morte das feiticeiras: a inserção no mundo público e a procura do prazer sem repressão. A mulher jovem hoje se

liberta porque o controle da sexualidade e a reclusão ao domínio privado formam também os dois pilares da opressão feminina. Assim, hoje as bruxas são uma legião. E são bruxas que não podem ser queimadas vivas, pois são elas que estão trazendo pela primeira vez na história do patriarcado, para o mundo masculino, os valores femininos. Esta reinserção do feminino na história, resgatando o prazer, a solidariedade, a não competição, a união com a natureza, talvez seja a única chance que a nossa espécie tenha de continuar viva.

Desde o século XIX, os intelectuais marxistas criam e organizam um movimento feminista importante, pleiteando a igualdade no trabalho e na vivência da sexualidade para homens e mulheres. Ora, estas reivindicações eram tão revolucionárias que aparentemente colocavam em questão as próprias bases da sociedade de classes e o patriarcado, pois os dois pilares da submissão da mulher eram a impossibilidade de ter acesso direto ao mercado de trabalho e a proibição de sexo fora do casamento.

Tradicionalmente, as mulheres sempre trabalharam nos campos, e sempre trabalharam mais do que os homens, ganhando menos e obtendo menos privilégios e direitos legais. Embora fossem esteio sobre o qual repousava a sociedade inteira, elas eram invisíveis. As mulheres pobres sempre tiveram e têm até hoje uma dupla jornada, em casa e no trabalho. Sempre trabalharam no setor reprodutivo (privado) e produtivo (público), mas seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem.

No século XIX, a sociedade masculinizou-se inteiramente, mas num sentido até então insuspeitado. Os operários eram controlados em seus menores gestos, na hora em que entravam, saíam, comiam ou iam ao banheiro. Tudo era pesado e medido a fim de aumentar a produtividade. E foi por causa deste controle que a vida se estilhaçou em mil fragmentos: o trabalho era separado do produto; a infância, da vida adulta; a mulher pública da privada, etc. Dentro de cada um, a vontade se separava das emoções; o corpo da mente; a sexualidade do afeto e as partes do todo. Ciências, artes e religiões se dividem em inúmeras especialidades. O individualismo cresce e a fragmentação aumenta tanto quanto os habitantes dos países industriais. Todo mundo controlava todo mundo: os patrões aos empregados, os homens às mulheres, e ambos aos filhos. O sistema industrial, que a princípio deveria ser libertador de energia e de mais vida, torna-se o tipo de escravidão mais sofisticado que a humanidade conheceu, porque esta escravidão vinha de dentro para fora em cada um dos seus membros.

Várias foram as razões de tão fulminante sucesso do feminismo na segunda metade do século XX. A primeira foi que, devido à emergência da sociedade de consumo, o sistema produtivo funcionava a todo vapor nos países desenvolvidos. Havia mais máquinas do que machos na década de sessenta e as mulheres entram em massa na força de trabalho. Entram com todas as desvantagens dos seus dez mil anos de reclusão: são menos qualificadas, e, pelo fato de serem mulheres,

vão para as posições de menor remuneração, recebendo, pelo mesmo trabalho, metade do salário dos homens (Estados Unidos e na Europa). A segunda causa do sucesso do feminismo é que ele veio juntar-se a outros movimentos de libertação emergentes formando, talvez, a corrente de maior importância do capitalismo avançado. Quanto às mulheres, uma vez tendo entrado no mercado de trabalho e recebido os primeiros salários, iniciam uma revolta generalizada. Começam a questionar a má qualidade de suas relações com os homens. Não querem mais ser objetos sexuais, sem orgasmo. Podemos dizer que o orgasmo como direito das mulheres é conquista dos anos sessenta.

Ao mesmo tempo, as mulheres lutam contra a discriminação econômica e, principalmente, passam a reivindicar postos de decisão na política, nas empresas, nos sindicatos. Todos estes movimentos juntos vêm a constituir, talvez, o maior questionamento feito contra o sistema competitivo e patriarcal nos dez mil anos de sua existência. As relações de violência contra o meio ambiente são contestadas pelos movimentos ecológicos e pelos Partidos Verdes, que nascem nos anos setenta. A contestação contra as guerras é feita pela recusa em massa de jovens de países desenvolvidos em engajar-se nelas.

Os estereótipos machistas perduram na sociedade hodierna, porém, muitos homens hoje estão lutando contra dois modelos que também representam um peso para eles. A revolução que o movimento feminista iniciou mudou a realidade social, embora muita coisa ainda tenha de ser feita. Muitos homens lutam para “serem homens” e não machos. Por outro lado, as mulheres estão reencontrando seu lugar social; a sexualidade, que lhes era “proibida” no relacionamento feminino-masculino, traduz-se em sexualidade emancipada, afeto e prazer.

Na década de 60 do século XX, a psicologia se debruçou sobre os problemas da mulher. A ausência de orgasmo, a frigidez, os bloqueios sexuais foram analisados em livros, revistas, artigos de jornal, programas de televisão. A década de 90, do século XX, parece ter acordado para o fato de que o homem também enfrenta dificuldades na área sexual. Sem poder expressar seus sentimentos, obrigado a ser eternamente corajoso e forte, o homem, por volta dos 40 anos, se vê sozinho diante de questões que nunca imaginou enfrentar. Muitas vezes se dá conta de que sua vida sexual perdeu a qualidade de que tanto se orgulhava e agora seu desejo parece que lentamente vai se apagando. O que aconteceu?, pergunta-se perplexo.

O homem não aprendeu a formar vínculos duradouros. Passou grande parte da sua vida tentando provar sua virilidade por meio das conquistas amorosas. Seus relacionamentos tendem a ser transitórios. A dificuldade de associar sexo com afeto e ternura distanciou-o da mulher e a vida a dois deixou de ser uma necessidade afetiva para se transformar num desafio. O homem deve ser pensado, hoje, como um ser frágil, não porque assim se define a sua constituição (essência), mas porque as “culturas”, educação e formação fizeram dele um super-homem, negligenciando, assim, a maravilha do que é “ser” homem, repleto de potenciali-

dades e possibilidades que o humanizam e fazem dele um “ser feliz”, produtivo e transformador, participante da vida.

Abriu-se nas últimas décadas um campo inusitado para a mulher: “ela pode pensar”; e para o homem “ele pode sentir”. O homem de hoje está enfrentando a turbulência de novo: nova mulher, nova filha, novo relacionamento sexual. Com isso, suas inseguranças e a sua ignorância ficam expostas. Informá-lo disso é função de todo profissional de saúde, pois, quem distribui o saber distribui o poder. Também a socialização do homem fica difícil e, por vezes, há uma fuga até para a vida celibatária ou religiosa; encerrando-se em si mesmo e com poucas possibilidades de se libertar. No relacionamento maduro, o contato afetivo é o grande laboratório para a vida.

Hoje, com a entrada da mulher no mundo do trabalho e a busca de uma crescente especialização nas várias áreas acadêmicas e tecnológicas, adentramos numa época de crise. As mulheres conquistaram espaços profissionais importantes e, com isso, uma autonomia financeira. Os homens recuam assustados, pois não sabem mais o que fazer com essas mulheres que não se comportam mais como suas mães e competem com eles em todas as áreas sociais o que, para eles, é causa de estresse.

O desafio atual consiste em vermos como devem ser redefinidas as relações de gênero para que, junto com outras forças, nos ajudem a construir uma alternativa salvadora para a humanidade e para a própria Terra. Os sexos são diferentes, mas iguais em dignidade e valor. É da pessoa que o sexo recebe a sua dignidade, portanto não pode se reduzir a uma coisa, à parte.

Vamos da diferença sexual para a reciprocidade pessoal. A reciprocidade gera a maturidade como um processo na vida. O fenômeno humano da sexualidade só é captado na sua integralidade se junto com a diferença se ordena a reciprocidade. Os humanos, homem e mulher, são diferentes para poderem estar unidos pela relação recíproca e pela mutualidade.

Atualmente, sofremos porque fomos surpreendidos: as mudanças aconteceram muito rapidamente. Por mais incrível que possa parecer neste início do século XXI, a ciência está chegando a progressos inimagináveis; a maioria das grandes invenções da humanidade são dos últimos cem anos. No entanto, o que precisa ser reintroduzido na vida humana é o amor e a solidariedade, que se perderam nos últimos oito mil anos, quando o feminino passou a ser invisível na sociedade humana.

Todo ser humano é sexuado e possui uma sensibilidade que permite a ele, “ser-em-relação”, entrar em relação com os demais. A sexualidade exprime e realiza a necessidade da pessoa sair de si mesma e de ir em direção ao outro, à outra. Para que esse encontro se realize é necessário que ao menos, dois seres inteiros, conscientes e felizes saiam de si mesmos em busca do outro. Não estamos falando apenas do homem e da mulher enquanto parceiros sexuais, todo o encontro entre dois ou mais seres humanos envolve a sexualidade de cada um.

Diante da emancipação feminina dos anos setenta do século XX, o homem moderno foi se sentindo acuado. O “macho provedor” foi afetado na sua sexualidade bem-definida e na sua afetividade nunca explorada. A mulher cada vez mais foi assumindo suas necessidades e seus desejos, enquanto que o homem foi desestabilizando as suas certezas.

Ao demonstrar que o estresse no relacionamento afetivo-sexual pode ser superado a partir do conhecimento do “ser homem”, do “ser mulher” e dos condicionamentos sociais que os limitam como pessoas, propomos que é possível vencer a batalha contra “o medo” da própria sensibilidade que o homem moderno sente diante do avanço da liberdade alcançada pela mulher. Num futuro próximo, os homens terão perdido o medo da entrega e da mulher, e por seu lado as mulheres não serão como foram no patriarcado, tão dependentes do homem idealizado. Poderão exercitar mais a sua identidade pela autonomia integrada à relação. “E os homens aprenderiam a ligar o amor à vida e não atrelá-lo à morte, por se relacionarem em melhores bases consigo próprios e com os outros.”

A sexualidade é um dom de Deus aos seres humanos. E o dom, segundo a liberdade humana, pode ser para o bem e para o mal. O empenho da educação para a sexualidade é encaminhar para o bem essa energia maravilhosa.

Bibliografia

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulinas, 1973.

CAMPBELL, Joseph. *The Masks of God*, vol. 3: *Occidental Mythology*. New York: Viring Press, 1970.

CHARBONNEAU, Paul-Eugène. Preâmbulo. In: AQUINO, A. VALLE, João E. GONÇALVES, Ernesto L. et al. ESCOLA DE PAIS DO BRASIL. *Educação e Sexualidade, hoje*. São Paulo: Almed, 1982.

COSTA, Moacir. *Sexo: o dilema do homem – força e fragilidade*. São Paulo: Gente, 1993.

COSTA, Renato Pamplona da. *Osonzesexos: as múltiplas faces da sexualidade humana*. 4ª ed. São Paulo: Kondo, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: I – A vontade de saber*. 17ª ed. São Paulo: Graal, 1988.

KRAMER, Heinrich, SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras, Malleus Maleficarum*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no Terceiro Milênio*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

PASCALÉ, Maria Aparecida. *O pobre "super-homem" acuado: a emancipação da mulher e o estresse afetivo-sexual do homem moderno*. São Paulo: Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2009.

Maria Aparecida Pascale
Av. Cidade de Córdoba, 121 casa 03
88061-200 Florianópolis, SC
Tel.: (048) 3232-3582/Cel: (048) 9118-9959
E-mail: aparecidapascale@ig.com.br